

Angélica Kaufmann

“Hoje o *Großvater* é praticamente o *Vôvo*”:

**O uso de termos de parentesco em contextos de contato
linguístico português-hunsriqueano**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul – *campus* Chapecó.

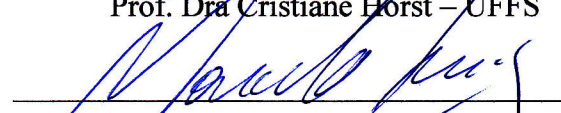
Orientadora: Prof. Dra: Cristiane Horst

Este trabalho de conclusão de curso foi apresentado e aprovado pela banca em: 10/12/2014

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dra Cristiane Horst – UFFS


Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS


Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen – UFRGS

“Hoje o *Großvater* é praticamente o *Vôvo*”:

O uso de termos de parentesco em contextos de contato linguístico português-hunsriqueano¹

Angélica Kaufmann²

angelica.kaufmann@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo apresenta um estudo em contextos de contato linguístico português-hunsriqueano, nas localidades de Cerro Largo, no Rio Grande do Sul (RS) e Itapiranga, em Santa Catarina (SC), considerando os termos de parentesco do tipo sanguíneo³. O estudo parte do pressuposto de que línguas influenciam umas às outras, principalmente quando estão em contato direto. Inicialmente é feita uma revisão bibliográfica sobre bilinguismo/plurilinguismo, línguas em contato, dialetologia pluridimensional⁴, assim como uma contextualização das comunidades de pesquisa. Para este trabalho foram consideradas quatro dimensões de análise dos dados, sendo elas: a diatópica (Cerro Largo e Itapiranga), a diageracional (GI – entre 18 e 36 anos e GII – com 55 anos ou mais), a diassexual (homem e mulher) e a diastrática (nível de estudo dos informantes: Ca (com ensino superior) e Cb (com, no máximo, Ensino Médio)). Os dados analisados são provenientes do projeto binacional ALMA – H⁵ (Atlas Linguístico - Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata – *Hunsrückisch*), que envolve pesquisadores⁶ da UFFS⁷ e da UFRGS⁸, no Brasil, e da CAU – Kiel⁹, na Alemanha. Constatou-se, a partir das análises das diferentes dimensões, que ainda existe o predomínio da língua alemã, mesmo em constante contato com o português. E podemos observar que é na CaGII de ambas localidades que encontramos o menor uso de palavras em português.

PALAVRAS-CHAVE: Contato linguístico hunsriqueano-português; bilinguismo/plurilinguismo; dialetologia pluridimensional; língua de imigração alemã; termos de Parentesco.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II, orientado pela Profa. Dra. Cristiane Horst.

² Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó. Integrante do Grupo de Pesquisa Atlas das Línguas em Contato na Fronteira.

³ Ver Ghasarian (1996) e Horst (2011)

⁴ Como podemos ver em Thun (1998), Altenhofen (2007), Horst (2011), Krug (2011), Horst (2014), entre outros.

⁵ Coordenado pelo Prof. Dr. Harald Thun e pelo Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen. Dentre os pesquisadores, destaco a presença da orientadora deste trabalho Profa. Dra. Cristiane Horst.

⁶ A orientadora da presente pesquisa é pesquisadora/inquiridora do projeto.

⁷ Universidade Federal da Fronteira Sul.

⁸ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁹ Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, Alemanha.

Considerações iniciais

Com o presente artigo pretende-se analisar em que medida o português riograndense¹⁰ influencia no uso de termos de parentesco, do tipo sanguíneo, na variedade do alemão hunsriqueano¹¹ falada nos pontos RS22 (Cerro Largo – RS) e SC06 (Itapiranga – SC). Esses termos são descritos como do “tipo sanguíneo” porque integram membros da família por laços de sangue como pai, tio, primo, avô e outros.

Observa-se que, em contextos bilíngues português-alemão, falantes do hunsriqueano integram em sua fala cotidiana termos de parentesco da língua em contato, o português, tendo em vista as interferências linguísticas e culturais já identificadas em pesquisas anteriores relacionadas a contextos de línguas em contato.

A partir de pesquisas¹², pode-se concluir que situações em que existem línguas em contato fazem sempre com que as mesmas acabem influenciando uma(s) à(s) outra(s). Logo, é normal que falantes de hunsriqueano, por estarem em constante contato com o português, passem a emprestar ou incluir termos desta língua no hunsriqueano. São casos que também ocorrem com o próprio português, língua majoritária do Brasil, em que temos inserido cada vez mais termos de outras línguas, seja de línguas africanas, indígenas ou européias, como francês, italiano, espanhol, polonês, inglês, entre outras, mesmo que tenham recebido terminologias da língua portuguesa, mas suas origens linguísticas permanecem. Assim, se a língua majoritária introduz termos de outras línguas, mesmo que não estejam em contato constante por motivo de afastamento geográfico, tem-se a **hipótese**, que move nosso trabalho, de que é inevitável que o contato direto de duas línguas faça com que as mesmas interfiram uma na outra, já que são faladas no mesmo espaço/região geográfica e, muitas vezes, dentro da mesma casa, no convívio familiar¹³.

Os termos analisados são provenientes do banco de dados do projeto binacional intitulado Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: *Hunsrückisch* (ALMA-H). Além desse projeto, a pesquisa também dialoga com outros dois projetos, a citar:

¹⁰ Falado no RS e em parte de SC (HORST, 2011). Este português também é chamado de variedade gaúcha. (ALTENHOFEN, 2008).

¹¹ Em alemão, a língua chama-se *Hunsrückisch* ['hunsrikiʃ]. Conforme Altenhofen (1996) *Hunsrückisch* é o nome dado a uma variedade do alemão, com forte presença na região sul do Brasil, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

¹² Ver Altenhofen e Oliveira (2011), Altenhofen (2011), Altenhofen (2007), Heye (2003)

¹³ No caso em que duas pessoas de etnias distintas se casam e continuam falando sua língua com suas respectivas famílias de origem.

Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina¹⁴ - por trazer um estudo da região de Cerro Largo; Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense - ALCF-OC¹⁵ - com a pesquisa na região oeste de SC, incluindo a localidade de Itapiranga. Foram analisadas as entrevistas de oito informantes da localidade de Cerro Largo – (RS) e oito informantes de Itapiranga – (SC), somando, no total, dezesseis informantes estudados, a partir das entrevistas realizadas para o projeto ALMA-H.

A escolha dos pontos considera a localização geográfica, a presença de falantes da variedade do alemão hunsriqueano e as diferenças de cada um no que tange ao contato com outras línguas, como o espanhol (na fronteira), dialetos italianos, entre outros. Os termos escolhidos para análise são os de parentesco do tipo sanguíneo, que se referem a pessoas da família que possuem ligação de sangue, como pai, mãe, filhos, tios, irmãos, entre outros. Este contato existirá sempre, indiferente de casamento e batismo¹⁶, por exemplo, já que, para uma pessoa existir, ela teve um pai e uma mãe e esses pais também tiveram pais que se tornaram avós e assim por diante.

A coleta dos dados de falantes dessa variedade considera diferentes fatores como: a variação diastrática – classe alta (Ca) e classe baixa (Cb); variação diageracional – geração I (GI: 18-36 anos) e geração II (GII: 60 anos ou mais); variação diassexual (homem e mulher); dentre outros previstos pela dialetologia pluridimensional (THUN, 2005). Esses requisitos são fundamentais para a análise dos dados. Tem-se, assim, os seguintes **objetivos específicos** no estudo: a) de acordo com a dimensão diassexual, verificar se é o homem ou a mulher quem mais aplica termos do português; b) identificar a distribuição de termos de parentesco em português no interior dos estratos sociais (Ca ou Cb); c) indicar a faixa etária (GI ou GII) que registra com maior frequência termos em português; d) analisar se o espaço geográfico (dimensão diatópica) influencia no uso desses termos nos grupos de informantes.

Depois de feita a seleção dos termos de parentesco do tipo sanguíneo, foi realizada a descrição e a análise dos dados. Primeiramente, analisamos cada dimensão separadamente e em seguida, vimos as relações dessas diferentes dimensões entre si. As respostas das entrevistas foram transcritas, seguindo a ordem do questionário aplicado pelo projeto ALMA-H.

¹⁴ Coordenado pelo Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug.

¹⁵ Coordenado pela Prof. Dra. Cristiane Horst.

¹⁶ Ver Geckeler (1973) *apud* Horst (2011)

A análise tem por base estudos de bilinguismo/plurilinguismo, contato linguístico, mais especificamente o contato do hunsriqueano com o português, a citar Thun (2005), Altenhofen (2011), Horst (2011), Krug (2011) e Horst e Krug (2012). A seção teórica será iniciada com o tema de línguas em contato, abordando importantes informações, a partir de pesquisas realizadas, que comprovam muito do que foi estudado ao longo desta pesquisa.

1 Aspectos teóricos

1.1 Línguas em contato

Pesquisas sobre contato linguístico¹⁷ comprovam que o Brasil pode ser descrito como um país multilíngue, provavelmente o mais multilíngue do mundo, distanciando-se do monolingüismo como quiseram Marques de Pombal e, mais tarde, Getúlio Vargas, com a ideologia política de “um país, uma língua”, conforme destacam Altenhofen (2007) e Horst (2009). Podemos afirmar, tendo em vista qualquer país do mundo, que o monolingüismo é muito mais a exceção do que a regra (ALTENHOFEN, RASO, MELLO, 2011). De acordo com Censo do IBGE de 2010, encontramos vivas, no Brasil, uma lista de 274 línguas indígenas, ou *autóctones*, e mais de 56 línguas de imigração, ou *alóctones*, somando um total de mais de 330 línguas. Também Rodrigues (1966) afirma que:

(...) o panorama lingüístico do Brasil se caracteriza não apenas pelo predomínio da língua portuguesa por um lado e a multiplicidade de línguas indígenas por outro, mas, para completar esse panorama, tem-se de acrescentar, ainda, uma quantidade de outras línguas européias e de línguas asiáticas, que se falam normalmente no país.
(p. 7)

Como se pode ver, as línguas existentes e faladas no país não se limitam ao português, língua majoritária, e às línguas indígenas, mesmo que estas últimas apareçam em maior número. As línguas de imigração estão sendo estudadas constantemente e o número dessas línguas existentes no Brasil está sendo atualizado, com números crescentes, a cada pesquisa, mesmo que representem minorias.

Altenhofen e Oliveira (2011) destacam ainda que milhares de línguas indígenas, em torno de 1.078, eram vivas e faladas antes da colonização dos portugueses e tiveram que se habituar à língua dos colonizadores, o mesmo tendo ocorrido com as línguas dos escravos

¹⁷ Ver Altenhofen, Raso, Mello (2011), Spinassé (2011), Margotti (2011), Horst (2011), Horst e Krug (2012), Krug (2011), Horst (2014)

africanos trazidos pelos mesmos portugueses. Muitas línguas indígenas e africanas acabaram “morrendo” devido ao processo de extinção dos povos indígenas e de instauração da língua portuguesa européia como língua oficial do Brasil, que, naquele momento, já era a língua falada pela maioria da população, mas tinha suas marcas linguísticas próprias, o que já diferia do português europeu. A partir desses autores, e também de Mello (2011), podemos concluir que estamos nos referindo a um português europeu, que após sua chegada ao Brasil, passou a ser a segunda língua de milhões de indígenas que já possuíam uma língua como primeira língua, sendo essa segunda imposta pelos colonizadores para que existisse uma comunicação, a fim de que os mesmos pudessem compreender e também para marcarem seu poder. Dessa forma foi sendo construído o quadro linguístico do Brasil, chegando a um português brasileiro que, apesar de ser instalado pelos portugueses, tem suas distinções do português europeu. E quando os imigrantes alemães chegaram ao sul do país, era esta a situação linguística brasileira com a qual se depararam.

Chegando à época de imigração alemã, pode-se perceber que se trata de uma história um tanto recente do Sul do Brasil, com menos de duzentos anos. De acordo com Jungblut (2004), foi no ano de 1824 que os primeiros veleiros com imigrantes europeus chegaram à cidade de São Leopoldo, trazendo consigo uma variedade alemã chamada hunsriqueano, pelo fato de ser falada na região do centro-oeste da Alemanha, em uma localidade com o nome de *Hunsrück*¹⁸. Foi na terceira fase (das quatro fases de ocupação e migração dos alemães no sul do Brasil), entre os anos de 1922 e 1955, que os alemães se deslocaram até o Noroeste do Rio Grande do Sul e Oeste de Santa Catarina, regiões às quais este estudo se dedica. E no momento em que esses imigrantes chegaram a essas regiões se depararam com uma realidade linguística luso-brasileira e indígena, sendo inevitável o contato com as línguas desses povos.

Horst e Krug (2012) apontam que é possível supor que os imigrantes também trouxeram em sua bagagem cultural, além do *Hochdeutsch*¹⁹ e do hunsriqueano, diferentes variedades do alemão, dependendo da região de origem de cada um/família. Com o contato diário que tiveram com a variedade do português do Rio Grande do Sul e do português padrão, os imigrantes se sentiram “confrontados com o dilema da manutenção e afirmação dos hábitos linguísticos de suas variedades e a adoção de hábitos da variedade nova, neste caso o Português.” (p. 5). Estudiosos afirmam que a região sul do Brasil é a área que

¹⁸ Uma das interpretações possíveis para esse nome é pelo fato de que aquele lugar continha uma montanha que lembrava uma coluna de cachorro, por isso Hunsrück (tradução literal: coluna de cachorro)

¹⁹ Variedade padrão do alemão.

concentra o maior número de “línguas de imigração”. Conforme Altenhofen (2007), o mapa de grupos étnicos, indicados pelos informantes do ALERS²⁰ como presentes em suas respectivas localidades, atesta essa forte pluralidade de etnias e línguas.

Nesse quadro de plurilinguismo, situam-se também as áreas da presente pesquisa, em que temos o contato entre o hunsriqueano e o português riograndense, em Cerro Largo e em Itapiranga, como também, principalmente na escola, o contato do português padrão e *Hochdeutsch* (Alemão Padrão). Além dos imigrantes alemães, houve também a imigração italiana, espanhola, polonesa, russa, entre outras, que de uma ou outra forma também influenciaram o português falado no sul do Brasil. A seção seguinte serve para esclarecer conceitos e, principalmente, apresentar teorias a respeito do bilinguismo.

1.2 Bilinguismo / Plurilinguismo

Para Mackey (1972), bilinguismo não é um fenômeno de linguagem, é uma característica da sua utilização. Não é uma característica do código, mas da mensagem. Ele considera que o bilinguismo é uma propriedade do indivíduo e não do grupo, já que a utilização individual de duas línguas supõe a existência de duas comunidades com línguas diferentes, não a existência de uma comunidade bilíngue. Ele ainda chama a atenção para o fato de que o conceito de bilinguismo tornou-se mais e mais amplo no início do século XX.

Heye (2003) destaca que não se pode considerar bilíngues apenas aquelas pessoas que possuem domínio total igual a um nativo em duas línguas. É preciso considerar todos que, de uma forma ou outra, dominam alguma das habilidades (ler, escrever, escutar e falar) em outra língua. Assim, Heye (2003) propôs uma distinção entre bilinguismo e bilingualidade, sendo o bilinguismo “a situação em que duas línguas coexistem como meio de comunicação em espaços sociais determinados” (p. 233), ao passo que bilingualidade “é definida como os diferentes estágios distintos de bilinguismo, pelos quais os indivíduos, portadores de condição de bilíngue, passam na sua trajetória de vida” (p. 233). Nesse último encontramos diferentes graus de bilingualidade, que vai depender do nível de domínio da segunda língua que o indivíduo possui, dependendo muito da situação bilíngue, do contexto linguístico.

A partir disso, Altenhofen (2011) nos leva a questionar até que ponto um indivíduo é realmente monolíngue, já que existem variedades dentro de uma língua. Dependendo do grau

²⁰ Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil.

de semelhança ou diferença entre uma variedade e outra, registram-se situações de não compreensão na mesma língua. Como afirma Coseriu (1982), “nadie habla ‘el español’ (...) lo que se habla es siempre alguna forma determinada del español” (p. 16), assim também ninguém fala “o português”, “o alemão”, “o italiano”, o que se fala é sempre alguma forma determinada do português, do alemão, do italiano e de qualquer língua (ALTENHOFEN, 2011, p. 44).

Para Romaine (1995), “bilingualism is a resource to be cultivated rather than a problem to be overcome”, ou seja, o bilinguismo é muito mais uma prática a ser cultivada do que um problema a ser superado, pensando no potencial linguístico e cultural que podem ser acrescentados a qualquer indivíduo. Ela acrescenta que, tanto a linguística quanto a percepção de leigos, tentaram convencer-nos do contrário, afirmando que o bilinguismo é desviante e não ideal. A autora chama a atenção para o fato de que aprender a falar mais de uma língua, desde criança, muitas vezes, envolve construir a estrutura de duas línguas e esta é uma parte do processo normal do crescimento bilíngüe e da aquisição de competência em mais de um idioma.

Da mesma forma, a situação de contato linguístico da presente pesquisa, hunsriqueano-português, permite que desde crianças, quando são ensinadas, línguas diferentes estimulem uma ampliação linguística, estrutural e cultural.

Tem-se afirmado que línguas que estão em contato apresentam variações devido às influências ou por escolhas lexicais do falante bi/plurilíngüe. Uma vez que um sujeito conhece mais de uma língua, ele passa a fazer uma escolha do termo para se referir a qualquer coisa em sua volta. Para compreender as diferentes dimensões sociais e relações existentes que apresentam diferentes variações linguísticas, a seguir, é explicada a teoria na qual está baseada esta pesquisa para alcançar aos principais objetivos, da dialetologia pluridimensional e relacional.

1.3 Dialetologia pluridimensional e relacional

De acordo com Thun (1998), durante muito tempo era utilizada apenas a dialetologia tradicional monodimensional como base de pesquisas, considerando a geolinguística ou dialetologia areal. Ou seja, acreditava-se que somente era importante analisar a variação

linguística de uma área/região/localidade para outra, não considerando aspectos sociais e outros fatores externos que influenciam na língua.

Para abordar as diferentes dimensões relevantes à variação linguística, Thun desenvolveu, a partir do princípio da dialetologia pluridimensional, um modelo de análise da variação e dos contatos linguísticos que abordasse tanto a variação no macroespaço, quanto as dimensões sociais presentes em cada localidade. Pode-se observar, a partir das pesquisas realizadas por Thun (1998; 2005; 2010 e 2012), que fronteiras linguísticas dificilmente são as mesmas das fronteiras geográficas. Por isso, a dimensão diatópica é uma das previstas pela pluridimensionalidade, mas não é a única.

O autor explica que este método observa as várias situações de uma realidade linguística e diz, ainda, que “*con este programa la Dialectología pluridimensional se acerca al ideal de la descripción completa y ordenada del polimorfismo lingüístico y de su relación con los hablantes.*”(p. 705). Considerando que são vários fatores a influenciar a língua e para se aproximar da realidade linguística de cada falante, ou grupo de falantes, esses fatores são considerados dentro de cada dimensão, como veremos a seguir.

Horst (2014) acrescenta que, além disso, “O foco desloca-se da ênfase em dialetos puros para a análise de variedades vistas como mistas, incluindo os fenômenos de contato entre línguas de minorias e majorias, e entre formas regionais e o comportamento variável de diferentes grupos em contato” (p. 57).

Pretendeu-se, com a dialetologia pluridimensional e relacional, juntar a dialetologia com a sociolinguística, que antes eram tidas como duas linhas de estudo separadas. Pode-se observar, no quadro que segue, essa transição: no topo do quadro a dialetologia (superfície bidimensional horizontal) e a sociolinguística (eixo vertical) estão separadas, permitindo apenas uma perspectiva bidimensional. Na parte inferior do quadro, foi realizada a união de ambas, que permite uma perspectiva tridimensional:

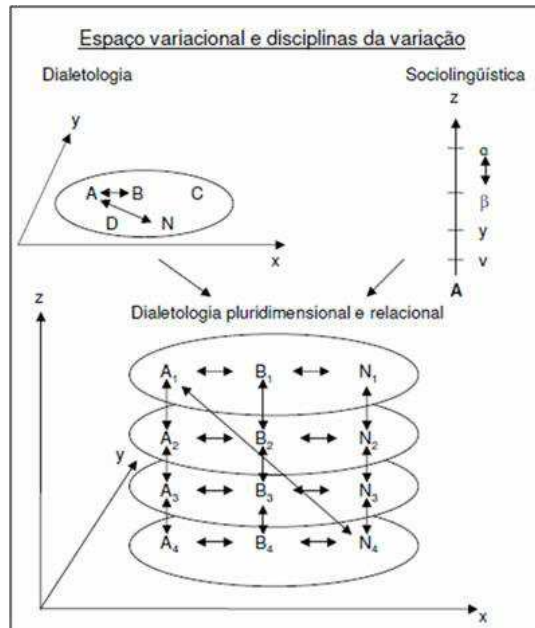


Figura 1: Modelo da dialetologia pluridimensional e relacional, de acordo com Thun (1998, p. 705)

Dessa forma, a dialetologia pluridimensional e relacional abarca e analisa as diversas relações existentes, considerando tanto fatores internos à língua como fatores externos (sociais). O princípio da pluridimensionalidade engloba uma série de dimensões, entre as quais se citam ainda, de acordo com Thun (1999): a diatópica (variação no espaço), a diastrática (variação a partir das classes sociais), diageracional (variação por idade), diafásica (variação a partir de diferentes estilos, como por exemplo, leitura, conversa livre, dentre outras), diatópico-cinética (a diferença entre informantes topostáticos e topodinâmicos), diareferencial (a diferença entre fala “objetiva” e fala metalinguística) e dialingual (referente ao contato de línguas).

É também fundamental não perder de vista que o modelo é também “relacional”, porque busca correlacionar diferentes dimensões de análise, conforme mostra a figura 1. Por exemplo, relacionar classe alta e classe baixa dentro da dimensão diageracional, relacionar a geração I e a geração II dentro da dimensão diassexual, ou mesmo comparar a fala de jovens de classe alta ou baixa em situações de leitores, conversa livre ou entrevista.

Como já descrito anteriormente, os dados de análise foram os termos de parentesco. a partir da seção seguinte, será possível uma melhor compreensão do significado desses termos e um breve relato histórico de como esses termos foram sendo aperfeiçoados para terem o sentido que têm hoje e como ocorreram mudanças no conceito de família.

1.4 Termos de parentesco

Nem sempre as famílias foram constituídas como são atualmente (considerando o modelo ocidental de família), com pai, mãe, filhos, avós, tios, irmãos, entre outros, formando um grupo mais reduzido. Ghasarian (1996) afirma que no período paleolítico “os grupos humanos eram associações de várias famílias nucleares em bando de trinta a cem pessoas que praticavam a caça e a recollecção, tendo estes bandos laços de aliança entre si”. E no período neolítico, com o nascimento da agricultura e a domesticação de animais, houve uma época “marcada pelo desenvolvimento de um modo de vida pastoril e de fases culturais mais elevadas” (p. 23). No final da pré-história, aproximadamente em 3.000 a.C., a família entra para a história, assim como o sistema de graus de parentesco.

Afirma também que,

Para sobreviver nas sociedades restritas, os indivíduos têm necessariamente de constituir grupos de cooperação. Estes grupos são, antes de mais, formados na base do parentesco. Consequentemente, a segurança e o destino de um indivíduo estão nas mãos dos que lhe são aparentados. (GHASARIAN, 1996, p. 11)

O parentesco torna-se base da constituição de um indivíduo. O autor acrescenta que as estruturas sociais e o funcionamento das sociedades tradicionais estão diretamente ligados ao parentesco. Diz ainda que uma pessoa que não possui parentes não sobrevive, já que estes geram apoio, segurança e, assim, constituem grupos de cooperação.

Horst (2011) apóia-se em Geckeler (1973) para dividir os termos de parentesco em dois grupos centrais: do tipo sanguíneo e do tipo aliança (através do casamento). O primeiro tipo, tema deste breve estudo, traz os termos apenas relacionados a integrantes da família unidos por laços de sangue como, por exemplo, pai, mãe, irmão, irmã, avô, avó, tio, tia, primo, prima, bisavô e bisavó.

Ghasarian (1996) explica que o sistema de parentesco ocidental divide o grupo consanguíneo, ou sanguíneo, em: primários (pai, mãe, filho, filha, irmãos), secundários (avós, netos, tios, tias e sobrinhos) e terciários (ligados por dois intermediários, como primos). Depois de certo ponto, já não se consideram mais integrantes da mesma família aqueles que ficaram muito distantes no contato sanguíneo, ou se consideram da mesma família, mas como “parente distante”.

Em alguns termos analisados, em hunsriqueano, não foram encontrados termos específicos para determinado membro da família. Como pode ser observado nas descrições

dos dados, tem-se o exemplo de filho e filha, em que se têm algumas variantes do termo menina e menino, mas nenhum é específico para essas pessoas.

Antes disso, encontra-se uma breve descrição das localidades base desta pesquisa.

2 As localidades em estudo

Jungblut (2011) destaca que a vinda dos alemães para terras brasileiras ocorreu devido a uma crise na Europa. Regiões da França e Alemanha foram atingidas pelas guerras napoleônicas, o que fez com o povo tivesse poucas esperanças em relação a uma expectativa de vida, diante de tanta fome e pobreza. Com a promessa de uma vida melhor, com terras de baixo custo, gado, diárias em réis, entre outras propagandas, essas famílias aceitaram mudar de vida e viajaram com a intenção de se instalar nessas novas terras.

Assim, ocorreram quatro tipos de colonização no Brasil: i) colônias governamentais; ii) colônias fundadas por entidades lucrativas; iii) colônias fundadas por particulares, e: iv) colônias fundadas por uma entidade filantrópica. Essas últimas foram financiadas por agências bancárias, na qual encontramos as duas localidades em questão: Cerro Largo e Itapiranga, que foram dirigidas pelo *Bauenverein*, no começo do século XX.

A colonização alemã no sul do Brasil compreendeu-se em quatro fases (JUNGBLUT, 2011): A primeira aconteceu desde a chegada dos primeiros imigrantes em São Leopoldo, entre 1824 e 1880²¹. A segunda fase ocorreu entre os anos de 1880 e 1922, quando alemães de terceira geração migraram para a região de Cerro Largo, Noroeste do Rio Grande do Sul (RS). A terceira fase foi entre 1922 e 1955, quando os imigrantes de quarta geração chegaram ao extremo Noroeste do RS e extremo Oeste de Santa Catarina (SC), incluindo o município de Itapiranga. E a quarta geração ocorreu entre os anos de 1955 e 1975, em que os alemães migraram para ocupar o Oeste do Paraná.

O autor afirma que Itapiranga pertencia à antiga colônia alemã denominada Porto Novo, que abrangia outros atuais municípios como São João do Oeste, Tunápolis e algumas áreas de Iporã do Oeste.

Itapiranga localiza-se a, mais ou menos, 200 Km de Cerro Largo, formando divisa com a Argentina e possui aproximadamente, de acordo com o IBGE, 16.200 habitantes. Dados da prefeitura dessa cidade afirmam que, inicialmente, essa região era habitada pelos

²¹ Rambo (1999) ressalta que podem ter chegado alemães ao Rio Grande do Sul antes da data da primeira fase. E destaca que a grande maioria dos imigrantes que chegaram em 1824 ao RS eram homens solteiros, protestantes e agricultores provenientes de Hamburgo e proximidades.

índios, quando os imigrantes alemães chegaram. Esses índios faziam parte dos Sete Povos das Missões e foram praticamente dizimados pelos bandeirantes, muito antes da chegada dos imigrantes alemães.

A cidade de Cerro Largo está situada no Noroeste do Rio Grande do Sul, a 60 Km da fronteira com a Argentina. Possui, de acordo com o IBGE, cerca de 13.900 habitantes. Encontramos, na *home page* da prefeitura de Cerro Largo, informações que relatam que, inicialmente, a cidade foi fundada a Colônia de Serro Azul, em 1902. As primeiras famílias que chegaram a essa região migraram da região de Montenegro e oficializaram a colônia Serro Azul em 4 de outubro de 1902, firmada entre os rios Ijuí e Comandáí. E, em 15 de dezembro de 1954, foi criado o município de Cerro Largo, cuja instalação oficial aconteceu em 28 de fevereiro de 1955.

3 Descrição e análise dos dados

Os dados dos informantes foram coletados respeitando a dinâmica da dialetologia pluridimensional, no estilo questionário (mais ou menos informal), levando-se em conta, basicamente, a primeira resposta, a espontânea, dada pelo informante. Também, em alguns casos, insistiu-se na resposta (passo dois) e como terceiro passo, foram apresentadas sugestões ao informante, que manifestava conhecimento ou desconhecimento do termo. Perguntou-se, na variedade alemã hunsriqueana, como a pessoa se refere ou nomeia tal membro da família, sempre tomando o cuidado de não citar possíveis termos usados pelos entrevistados para que não interferisse na resposta a ser dada. Algumas vezes os informantes não lembram os termos que utilizam ou a pergunta fica sem resposta.

A parte do questionário, do projeto ALMA-H, que envolve termos de parentesco (sanguíneo, por aliança e espiritual), possui 56 perguntas. No entanto, nesta pesquisa, analisamos 29 dessas perguntas que se referem apenas aos termos do tipo sanguíneo. Iniciaremos as análises apresentando quadros com todas as questões, dando destaque para os termos que o informante usa e conhece. Já os termos que ele apenas conhece, serão mencionados na descrição dos dados.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Parente, mein Leit</i>	<i>Verwandte, Parente, mein Leit, unser Leit</i>	<i>Parente e unser Leit</i>	<i>Verwandte, Verwandtschaft, Parente, mein</i>

				<i>Leit</i>
Itapiranga	<i>Parente, Verwandte, Unerschaft, Parentosch</i>	<i>Verwandte, Parente</i>	<i>Parente, Verwandte, Bekannte, Parentosche</i>	<i>Verwandte, Verwandtschaft, Parentoch, Parende</i>

Quadro 1: questão 1 – *Verwandte* / parentes

O termo de uso comum encontrado nas diferentes gerações, classes e localidades é o termo *Parente*, que é uma adaptação do termo em português “parentes”, na qual mudou-se a pronúncia e a terminologia. Outro termo que apareceu, com origem no português, foi *Parentosch*, em que se alterou novamente a terminologia, comparando com o termo *Parente*. Na CaGI, em Cerro Largo, o informante conhece, mas não utiliza o termo *Vervande* e comenta que *Parentoche* e *Parende* “é mais em português”. Também na CaGII de Cerro Largo informantes reconhecem que o termo *parende* é pelo contato com o termo em português, *parentes*. Na CbGII de Itapiranga, a mulher comenta que utilizam o termo *Parente*, mas reconhece que é um termo “mais em português”.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Vatre, Eltre, die Alte</i>	<i>Eltre</i>	<i>Eltre</i>	<i>Eltre, die Alte</i>
Itapiranga	<i>Eltre</i>	<i>Eltre, die Alte</i>	<i>Eltre, die Alte</i>	<i>Eltre</i>

Quadro 2: questão 2 – *Eltern*/pais

Nota-se, nessa questão de número 2, o uso em todos os casos do termo *Eltre*. Em um caso utiliza-se o termo *Vatre* e em outros se pode ver o uso do termo *die Alte*, que na tradução para o português significa “os velhos”. Por isso, na metade dos casos esse termo é conhecido, mas é evitado porque não demonstra o respeito devido para com os pais. Na CbGI de Cerro Largo, o homem concorda que utiliza algumas vezes o termo *Alte*, mas a mulher não.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Papa, der Alt, Pai</i>	<i>Papa, Vater</i>	<i>Pai, Papa, Paiê</i>	<i>Papa, Vater, Pai, der Alt</i>
Itapiranga	<i>Papa, Vater, Pai</i>	<i>Papa, Vater</i>	<i>Papa, der Alt</i>	<i>Papa, Pai</i>

Quadro 3: questão 3 – *Vater* / Pai

Observa-se, nessa questão de número 3, o uso em todos os casos do termo em alemão *Papa*. Em cinco casos vê-se o uso da palavra totalmente em português *pai*, que aparece tanto na GI como na GII. É interessante destacar que em todas as entrevistas de Itapiranga, os informantes mencionam que utilizam os termos *Vater* e *Moder* para se referirem ao avô e avó, respectivamente, e não para se referirem a pai e mãe, como se supunha.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Die Alt, Mutter, Mama, Mãe</i>	<i>Mama, Mutter</i>	<i>Mae, Manhê</i>	<i>Mama, Die Alt, Mutter, Mae</i>
Itapiranga	<i>Mama, Mutter, Mãe</i>	<i>Mama</i>	<i>Die Alt, Mama</i>	<i>Mama</i>

Quadro 4: questão 4 – *Mutter* / Mãe

Apenas na CbGI de Cerro Largo os informantes, tanto homem como mulher, não utilizam o termo em alemão *Mama*, diferente de todos os outros casos que a utilizam. Na metade dos casos, observa-se o uso da palavra *Mutter*, também utilizada no *Hochdeutsch*. A outra metade conhece o termo, mas não o utiliza. Na CaGI de Itapiranga, para se referir ao pai e à mãe, é a mulher quem menciona o uso dos termos em português *pai* e *mãe*, o homem usa mais *Papa* e *Mama*.

	CaGII	CbGI	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Mãe solteira</i>	<i>Stroh Wittfroof</i>	<i>Mãe solteira</i>	<i>Mãe solteira, Stroh Wittfroof</i>
Itapiranga	<i>Mãe solteira</i>	<i>Mãe solteira, Ledich Mutter</i>	<i>Mãe solteira, Wittfroof</i>	<i>Mãe solteira</i>

Quadro 5: questão 5 – *Unverheitatete Mutter* / mãe solteira

Nessa questão de número 5, vê-se que o termo *Mãe solteira* somente não é utilizado por dois informantes: homem e mulher da CaGII, de Cerro Largo. Os mesmos informantes conhecem esse termo em português, mas não o utilizam durante a fala alemã, como ocorre com os outros informantes. Na CaGI de Cerro Largo, o informante masculino apenas conhece o termo *Strowitfroof*, mas utiliza o termo em português. Na CbGI de Cerro Largo, os informantes não conhecem o termo *Strowitfroof*.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Nenneche, Kindche</i>	<i>Nénne, Nenneche, Kindche</i>	<i>Schoßkind, Kindche, Nénne</i>	<i>Nenneche, Kind, Nénne, Schoßkind</i>
Itapiranga	<i>Nénne, Nenneche</i>	<i>Nénne, Kindche</i>	<i>Nenneche, Kleen Kindche</i>	<i>Nenneche</i>

Quadro 6: questão 6 – *Baby* / nenê

Tem-se aqui, na questão 6, em todos os casos, o uso de um termo adaptado do português, nenê, para o alemão *Nenneche* e/ou *Nénne*, no qual se acrescenta uma terminologia alemã de diminutivo (*che*) no primeiro termo e se muda a pronúncia nos dois termos. Em quatro casos é mencionado o termo *Kindche*, diminutivo de criança (*Kind*). Nessa questão o informante masculino, da CaGI de Cerro Largo, menciona que apenas conhece, mas não utiliza o termo *Schoßkind*. A mulher da CaGII, de Itapiranga, ainda menciona, além dos termos acima descritos, que conhece e, poucas vezes, utiliza o termo *Brustkind*.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Medche</i>	<i>Medche, Mede</i>	<i>Medche, Strits</i>	<i>Kind, Medche</i>
Itapiranga	<i>Kind, Meede, Medche</i>	<i>Medche</i>	<i>Kind, Medche, Meed</i>	<i>Meed</i>

Quadro 7: questão 7 – *Tochter* / filha

Percebe-se, nessa questão de número 7, que em apenas um caso é utilizado o termo *Meed* e, em todos os outros, utiliza-se o termo *Medche*, que é o diminutivo de *Meed*, com a terminologia *che*. Na CaGII de Cerro Largo, tanto o homem como a mulher, conhecem o termo *Tochter*, mas praticamente não utilizam-no. Na CaGII de Itapiranga, a mulher conhece, mas diz que não utiliza-se na região o termo *Tochter*. Na CbGII de Itapiranga, tanto o homem como a mulher, afirmam conhecer, mas não utilizar o termo *Tochter*, do alemão padrão.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Bubche, Guri</i>	<i>Jung, Bub</i>	<i>Guri, Bubche, Junge</i>	<i>Jung, Bub</i>
Itapiranga	<i>Guri, Jung, Bub</i>	<i>Bubche, Junge</i>	<i>Jungche, Bubche, Jung, Bub</i>	<i>Jung, Bubche</i>

Quadro 8: questão 8 – *Sohn* / filho

Aqui, na questão 8, encontra-se, em todos os casos, o uso do termo *Bub* ou do seu diminutivo *Bubche*. Outro termo que aparece e vale ser analisado é *guri*, em que o informante da CaGII reconhece que esse termo é proveniente da região sul do país, principalmente do Rio Grande do Sul, alterando apenas a sua pronúncia. Na CaGI de Itapiranga, a mulher menciona que usa o termo *guri* e o homem menciona os termos *Jung* e *Bub*. Também comentam que apenas conhecem o termo *Sohn*, do alemão padrão. Na CaGII de Cerro Largo, homem e mulher conhecem, mas poucas vezes utilizam, o termo *Sohn*. Na CbGII de Cerro Largo, o homem conhece, mas não utiliza o termo *Tochter*, assim como o termo *Sohn*, para filha e filho, respectivamente. Na CbGII de Itapiranga, tanto o homem quanto a mulher afirmam conhecer, mas não utilizar, o termo *Sohn*.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Zwilling</i>	<i>Zwilling</i>	<i>Zwilling</i>	<i>Zwilling</i>
Itapiranga	<i>Zwilling</i>	<i>Zwilling</i>	<i>Zwilling</i>	<i>Zwilling</i>

Quadro 9: questão 9 – *Zwilling* / gêmeos

Como se pode ver, aqui, na questão 9, prevalece o uso de um único termo em alemão.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Jingste</i>	<i>Jingste, Nénne, Nisteu, Keschtche</i>	<i>Jingste</i>	<i>Nénne, Nisteuer, Rapa Do Tacho, Jingste</i>
Itapiranga	<i>Nénne, Jingste</i>	<i>Nénne, Jingste</i>	<i>Nénne, Jingste</i>	<i>Jingste, Nénne</i>

Quadro 10: questão 10 – *jüngste kind* / filho mais novo

Nessa questão de número 10, aparece, em todos os casos, o uso do termo em alemão *Jingste*. Termos de origem portuguesa também são registrados em: *Néne* e *Rapa do tacho*. Outros dois termos registrados *Nisteu*, que, em português, significa o ovo que fica no ninho, ou o último ovo e *Keschtche*, que, em português, significa casquinha.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Kinner</i>	<i>Kinner</i>	<i>Kinner</i>	<i>Kinner</i>
Itapiranga	<i>Kinner</i>	<i>Kinner</i>	<i>Kinner</i>	<i>Kinner</i>

Quadro 11: questão 11 – *Kinder* / filhos

Aqui, na questão 11, se vê o uso de um único termo em todos os casos, que distingue-se do *Hochdeutsch* apenas por um fonema: *kinder – kinner*.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Órfão</i>	<i>Weisekind</i>	<i>Órfão</i>	<i>Órfão, Weisekind</i>
Itapiranga	<i>Órfão</i>	<i>Órfão</i>	<i>Órfão</i>	<i>Weisekind</i>

Quadro 12: questão 12 – *Weise / órfão*

Observa-se, na questão 12, que apenas quatro informantes não utilizam o termo em português e os quatro são da geração II, na qual se percebe uma manutenção maior dos termos em alemão. Na CbGII de Itapiranga, é a mulher quem menciona e afirma utilizar o termo *Weisekind*. O homem conhece, mas não usa.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Briders</i>	<i>Briders</i>	<i>Briders</i>	<i>Briders</i>
Itapiranga	<i>Briders</i>	<i>Briders</i>	<i>Briders</i>	<i>Briders</i>

Quadro 13: questão 13 – *Brüder / irmãos*

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Schwester</i>	<i>Schwester</i>	<i>Schwester</i>	<i>Schwester</i>
Itapiranga	<i>Schwester</i>	<i>Schwester</i>	<i>Schwester</i>	<i>Schwester</i>

Quadro 14: questão 14 – *Schwester / irmãs*

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Geschwister</i>	<i>Geschwister</i>	<i>Geschwister</i>	<i>Geschwister</i>
Itapiranga	<i>Geschwister</i>	<i>Geschwister</i>	<i>Geschwister</i>	<i>Geschwister</i>

Quadro 15: questão 15 – *Geschwister / irmãos*

Nas questões 13, 14 e 15 observa-se o uso de um único termo em alemão para cada questão: *Briders*, *Schwester/Schwester* e *Geschwister*, respectivamente.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Onkel, Tio</i>	<i>Onkel, Tio</i>	<i>Onkel, Tio</i>	<i>Onkel, Tio</i>
Itapiranga	<i>Onkel, Tio</i>	<i>Onkel</i>	<i>Onkel, Tio</i>	<i>Onkel, Tio</i>

Quadro 16: questão 16 – *Onkel / tio*

Aqui, na questão 16, percebe-se que em apenas um caso, da GII, a não utilização do termo em português *Tio*, nos outros casos esse termo já foi incorporado na fala alemã dos informantes.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Tante, Tia</i>	<i>Tante, Tia</i>	<i>Tante, Tia</i>	<i>Tante, Tia</i>
Itapiranga	<i>Tante, Tia</i>	<i>Tante</i>	<i>Tante, Tia</i>	<i>Tante, Tia</i>

Quadro 17: questão 17 – *Tante / tia*

Da mesma forma, na questão 17, como na questão 16, apenas um caso, da geração II, apresenta a não utilização do termo em português *Tia*. No que se refere aos termos, em português, *Tio* e *Tia*, os informantes da CaGI de Itapiranga afirmam usá-los durante a fala na variedade alemã, e reconhecem que são termos da língua portuguesa, comentando que, aos poucos, esses termos (em português) estão sendo cada vez mais inseridos na fala em hunsriqueano.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Primo</i>	<i>Primo</i>	<i>Primo</i>	<i>Primo</i>
Itapiranga	<i>Primo, Erstprimo</i>	<i>Primo</i>	<i>Erstprimo, Primo</i>	<i>Primo</i>

Quadro 18: questão 18 – *Cousin / primo*

Observa-se aqui, na questão 18, o uso, em todos os casos, do termo em português, *Primo*, incluindo, em dois casos, um termo que se trata de uma mistura de alemão com português: *Erstprimo*, em que *Erst* significa primeiro em hunsriqueano e primo é em português, que traduzindo significa primo de primeiro grau.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Prima</i>	<i>Prima</i>	<i>Prima</i>	<i>Prima</i>
Itapiranga	<i>Prima</i>	<i>Prima</i>	<i>Erstprima, Prima</i>	<i>Prima</i>

Quadro 19: questão 19 – *Cousine / prima*

Nessa questão de número 19, também há, em todos os casos, o uso do termo em português, *Prima*. Um dos informantes inclui o termo *Erstprima*, da mesma forma como na questão 18, que significa prima de primeiro grau.

Na CaGII de Cerro Largo, o homem comenta que conhece os termos *Cousin* e *Cousine*, mas na região não são termos muito conhecidos nem utilizados.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Sobrinho</i>	<i>Sobrinho</i>	<i>Sobrinho</i>	<i>Sobrinho</i>
Itapiranga	<i>Sobrinho</i>	<i>Sobrinho</i>	<i>Sobrinho</i>	<i>Sobrinho</i>

Quadro 20: questão 20 – *Neffe* / sobrinho

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Sobrinha</i>	<i>Sobrinha</i>	<i>Sobrinha</i>	<i>Sobrinha</i>
Itapiranga	<i>Sobrinha</i>	<i>Sobrinha</i>	<i>Sobrinha</i>	<i>Sobrinha</i>

Quadro 21: questão 21 – *Nichte* / sobrinha

Destaca -se, nas questões 20 e 21, o uso de termos apenas em português, *Sobrinho* e *Sobrinha*. Homem e mulher, da CaGII de Cerro Largo, conhecem os termos *Neffe* e *Nichte*, mas comentam que, na região, eles não são utilizados, uma vez que são desconhecidos pela maioria.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Großvatre, Großeltre</i>	<i>Die Vôvos, die Vôvre, Großeltre,</i>	<i>Großvovre</i>	<i>Großeltre, die Vôvre</i>
Itapiranga	<i>Die Vôvos</i>	<i>Großeltre, Der/Die Sobrenome + Vovo, (Der/Die Kleinsvovo)</i>	<i>Großeltre, Vôvres</i>	<i>Die Vôvos</i>

Quadro 22: questão 22 – *Großeltern* / avós

Nessa questão, de número 22, distintos termos são utilizados para se referirem aos avôs. Os termos *Vôvos* e *Vôvre*, aparecem em seis casos, em que temos um termo do português, *vovôs*, que foi adaptado para o hunsriqueano, alterando a sílaba tônica para a primeira e em *Vôvre* alterou-se também a terminologia, para se referirem ao casal de avôs. O termo *Großvovre* é uma mistura do alemão (*Groß*) e um termo adaptado do português (*Vovre*).

Outro caso interessante aparece na CaGII, de Itapiranga, em que os informantes se referiam a seus avós através de um termo que une o sobrenome de tal avô/avó mais o termo *Vôvo*. O que difere do *vovô* para a *vovó*, nesse caso, é o artigo *die/der* antes do termo, por

exemplo: *der Kleinsvôvo* e *die Kleinsvôvo*. A mulher da CaGII de Cerro Largo também afirma que utilizavam os termos *Vater* e *Mutter* para se referirem aos seus avôs e avós, respectivamente. Ela também afirma que chamavam os avós pelo sobrenome, *Gröff*, mais o termo *vater/muter*, por exemplo: *Gröffvater*, *Gröffmutter*. A mulher e o homem da CaGII de Cerro Largo afirmam que utilizavam os termos *Großmutter* e *Großvatter* para se referirem à avó e ao avô, mas seus filhos e, nos dias de hoje, não utilizam mais, passando a usar mais os termos *der Vôvo* e *die Vôvo*, em que o termo *Vôvo* é o mesmo para ambos, distinguindo os gêneros através do artigo *der/die* antes do termo. Constatase, a seguir, que esse último caso é recorrente em todas as dimensões. Na CaGI de Itapiranga, os informantes apenas conhecem, mas não usam os termos *Opa* e *Oma*.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Der Vôvo</i>	<i>Der Vôvo, Vater, Vovô, Großvatter</i>	<i>Großvatter, der Vôvo</i>	<i>Der Vôvo, Großvatter, Vater</i>
Itapiranga	<i>Vater, der Vôvo, Großvatter</i>	<i>Vater, der Vôvo, Großvatter</i>	<i>Vater, der Vôvo</i>	<i>Vater, der Vôvo</i>

Quadro 23: questão 23 – *Großvater* / *vovô*

Um caso recorrente, nessa questão de número 23, é o fato de os informantes se referirem ao *vovô* pelo termo que se pensava ser utilizado para se referir apenas ao pai: *Vater*. Em Itapiranga, esse fenômeno é encontrado em todos os casos, tanto nos homens como nas mulheres. Em Cerro Largo, esse termo aparece duas vezes, apenas na GII. O termo que aparece em todos os casos é *der Vôvo*, que foi adaptado do português, *vovô*, para o alemão. E como esse termo é utilizado tanto para o *vovô* como para a *vovó*, ele recebe o artigo, em alemão, antes do termo. Na CbGI de Cerro Largo, a mulher afirma conhecer os termos *Opa* e *Oma* para *avô* e *avó*, respectivamente, mas não os utiliza.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Die Vôvo</i>	<i>Die Vôvo, Mutter, Vovó, Großmutter</i>	<i>Großmutter, die Vôvo</i>	<i>Die Vôvo, Großmutter, Mutter</i>
Itapiranga	<i>Mutter, die Vôvo, Großmutter</i>	<i>Mutter, Großmutter, Die Vôvo</i>	<i>Mutter, die Vôvo</i>	<i>Mutter, die Vôvo, Großmutter</i>

Quadro 24: questão 24 – *Großmutter* / *vovó*

Da mesma forma como na questão 23, na questão 24 o termo que aparece em todos os casos é *die Vôvo*, que foi adaptado do termo em português e apenas difere de *vovô*, *der Vôvo*, porque recebe o artigo *die* antes do termo. O termo *Mutter*, que se pensava ser utilizado para se referir apenas à mãe, aparece em seis casos, tanto nos homens como nas mulheres. Em seis casos, registrou-se o termo *Großmutter*, destacando-se que é na GII que estes são utilizados.

Todos os informantes que mencionaram os termos *Großmutter* e *Großvatter*, comentam que, quando eram mais jovens, escutavam e falavam muito mais esses termos, comparativamente com os dias atuais. Os termos que costumeiramente utilizam são *der Vôvo* e *die Vôvo*.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Engelche</i>	<i>Engelskind, Netos</i>	<i>Neto, Neta</i>	<i>Engelkind, Neto, Neta</i>
Itapiranga	<i>Neto, Neta</i>	<i>Engelkind</i>	<i>Engelskinner</i>	<i>Neta, Neto, Engelche</i>

Quadro 25: questão 25 – *Enkelkind* / neto, neta

Analisando a questão de número 25, observa-se que os informantes utilizam, em cinco casos, o termo *Engel*, mas que há variações na terminologia: *Engelche* (diminutivo de *Engel*), *Engelskind*, *Engelskinner* (plural). E o termo em português neto/neta, é registrado também em cinco casos. Alguns informantes utilizam os dois termos (alemão e português) e outras utilizam apenas um (alemão ou português). Na CaGII de Cerro Largo, afirmam que já utilizavam muito mais o termo *Engelskind*, mas que, atualmente, usam praticamente apenas o termo neto(s)/neta(s).

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Urengelche</i>	<i>Urengelkind</i>	<i>Bisneto, Bisneta</i>	<i>Urengelkind, Bisneto, Bisneta</i>
Itapiranga	<i>Bisnetos, Bisnetas</i>	<i>Urengel</i>		<i>Bisnetos, Urengelche</i>

Quadro 26: questão 26 – *Urenkelkind* / bisneto, bisneta

Aqui, na questão 26, foi registrado o uso de termos em alemão em cinco casos, sendo que na CbGII, tanto de Cerro Largo, quanto de Itapiranga, os informantes utilizam termos em alemão e em português. Na CaGI, de Itapiranga, e na CbGI, de Cerro Largo, os informantes

utilizam apenas termos em português. Na CbGI, de Itapiranga, como se pode ver, os informantes não mencionam nenhum termo.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Urvôvos</i>	<i>Urgroßeltre</i>		
Itapiranga	<i>Bisavós</i>		<i>Bisavôs, Urgroßeltre</i>	

Quadro 27: questão 27 – *Urgroßeltern* / bisavós

Das quatro entrevistas, em que foram mencionados os bisavós como casal, foram registrados três usos de termos em alemão. Um dos informantes utiliza tanto o termo em alemão quanto o termo em português. O outro faz uso apenas do termo em português: *Bisavós*. Na CaGI de Cerro Largo, os informantes apenas conhecem, mas não utilizam o termo *Urgroßeltern*. Em quatro casos, os informantes não se referiram a um termo para o casal, mas mencionaram o termo separadamente para se referir ao bisavô e para a bisavó, conforme é descrito a seguir.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Der Urvôvo</i>	<i>Urgroßvater</i>	<i>Urgroßvater, Urgroßpaba</i>	<i>Urgroßvater</i>
Itapiranga	<i>Urgroßvater, Bisa</i>	<i>Urgroßvater</i>	<i>Urgroßvater</i>	<i>Der Bisa</i>

Quadro 28: questão 28 – *Urgroßvater* / Bisavô

Em sete, das oito entrevistas, percebe-se o uso de termos em alemão, sendo que um informante usa um termo abreviado (*bisa* = bisavô) do português e adaptado ao alemão, alterando a pronúncia e utilizando o artigo *der* antes do termo para marcar o gênero masculino. Outro caso a se analisar, é o termo *Urvôvo*, que se trata de uma mistura do alemão (*ur*) e do português, adaptado para o alemão, (*Vôvo*), em que se mudou a sílaba tônica para a primeira.

	CaGI	CaGII	CbGI	CbGII
Cerro Largo	<i>Die Urvôvo</i>	<i>Urgroßmutter</i>	<i>Urgroßmutter, Bisavó</i>	<i>Urgroßmutter</i>
Itapiranga	<i>Urgroßmutter, bisa</i>	<i>Urgroßmutter, Bisa</i>	<i>Urgroßmutter</i>	<i>Die Bisa</i>

Quadro 29: questão 29 – *Urgroßmutter* / Bisavó

Também na questão 29, aparecem em sete, das oito entrevistas, termos em alemão. A oitava se trata de um termo abreviado (*bisa* = bisavó) do português e adaptado ao alemão, alterando a pronúncia e utilizando o artigo *die* antes do termo para marcar o gênero feminino e diferir do masculino *der Bisa*. E, assim como no caso de *der Urvôvo* mencionado na questão anterior, de número 28, aqui, na questão 29, foi mencionado o termo *die Urvôvo*, apenas com a mudança do artigo antes do termo para diferenciar o gênero masculino do gênero feminino.

3.1 Análises gerais

A partir das análises dos dados, conclui-se, considerando a dimensão diassexual, que homens e mulheres apresentam diferenças mínimas na inserção de termos em português no hunsriqueano. Foram registrados quatro termos em português mencionados apenas pela mulher, dois da CaGI de Cerro Largo, um da CaGI e o outro da CbGII, ambos de Itapiranga. E no caso do homem, aparece um termo em português, que apenas o homem menciona, da CbGII de Itapiranga.

Considerando a dimensão diastrática, que considera o nível de estudo (Ca e Cb), em Cerro Largo, nota-se a utilização de maior número de termos em português na Cb, com uma diferença considerável, se comparada a Ca. Já em Itapiranga, essa diferença não é tão acentuada, mas mesmo assim é a classe baixa (Cb) que utiliza o maior número de termos em português.

Em relação à dimensão diageracional, que considera a geração um (GI) e a geração dois (GII), em Cerro Largo, aparece um número maior de termos em português na geração I, que tem idade entre 18 e 36 anos. Da mesma forma em Itapiranga, o maior registro de termos em português é na geração I.

Analisando a dimensão diatópica, de acordo com a região geográfica, verificou-se que não há diferença no uso dos termos em português. Cerro Largo e Itapiranga apresentam o mesmo número desses termos.

Vale ressaltar também que, na CaGII, que inclui a classe alta e a geração dois, de ambas localidades, possuem a menor ocorrência de termos em português, chegando até a metade do registros.

A seguir observam-se gráficos que apresentam a comparação percentual dos registros gerais, com os termos em português, mistos e em alemão:

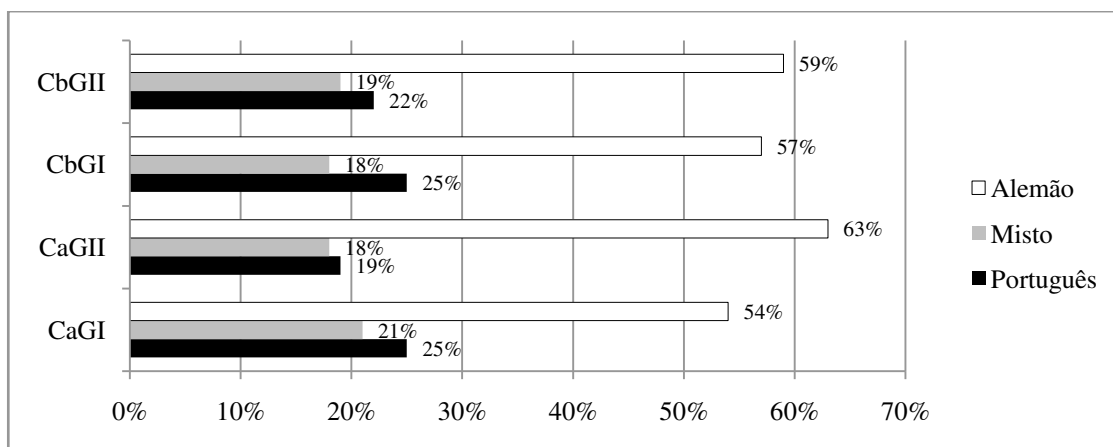


Gráfico 1: Aplicação dos termos de parentesco relacionando Ca e Cb; GI e GII

O gráfico 1 aponta que é a CbGI e a CaGI, considerando os dados das duas localidades, que apresentam o maior número de termos em português e a CaGII apresenta números consideravelmente inferiores, se comparados com os demais, confirmando assim, o maior uso de termos em alemão. Em seguida, vêem-se os registros de cada dimensão separadamente, iniciando com a dimensão diastrática:

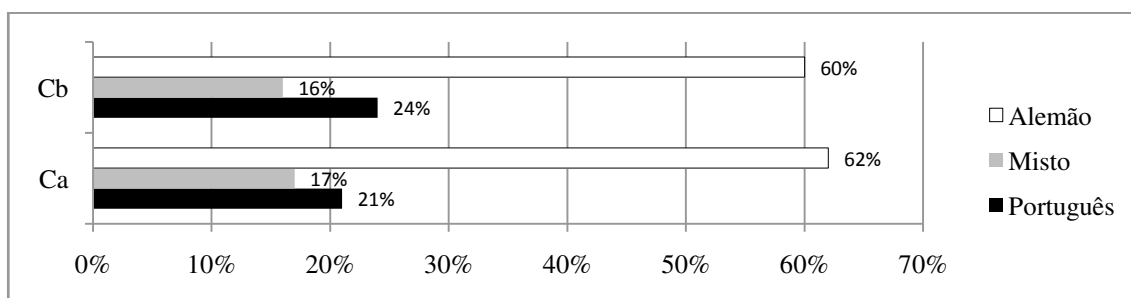


Gráfico 2: Aplicação dos termos de parentesco na Cb e Ca

Percebe-se, a partir do gráfico 2, que é a Ca que insere menos termos de português durante sua fala na variedade hunsriqueana. Acreditava-se que esse menor número apareceria na classe baixa, pelo fato de terem menos estudo que a classe alta. Automaticamente, quanto mais estudo o informante possui, maior é o contato com a língua portuguesa, o que pressupõe um registro maior de termos de português nessa classe. Essa hipótese confirmou-se na pesquisa realizada por Horst (2011), em que é na classe alta que o registro de termos em português é maior do que na classe baixa.

Porém, analisando as entrevistas e as conversas livres dos informantes de classe alta, percebe-se uma grande manutenção da fala alemã em família. Na CaGII, de Cerro Largo, por exemplo, os informantes explicam que em casa se falava apenas alemão e era na escola que poderiam praticar o português, acreditando que assim conseguiriam manter a língua materna, o alemão, vivo. De fato, foi o que ocorreu.

No gráfico 3, observa-se o percentual dos termos, considerando a dimensão diageracional:

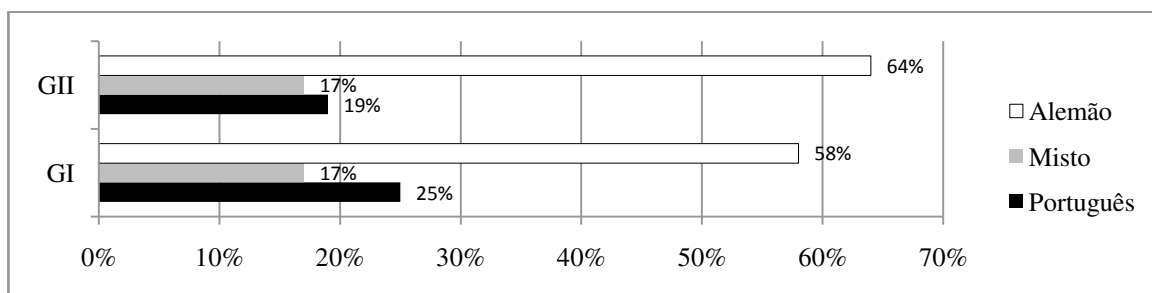


Gráfico 3: Aplicação dos termos de parentesco na GI e GII

Em se tratando de geração, registrou-se o esperado. Gerações mais novas, que aprendem o alemão, acabam introduzindo nessa língua, cada vez mais termos em português. Sendo assim, o gráfico confirma que é a geração I (a mais nova) que insere o maior número de termos em português na fala na variedade hunsriqueana. O mesmo se confirma na pesquisa de Horst (2011). Já no gráfico 4, essas diferenças desaparecem, considerando a dimensão diasssexual:

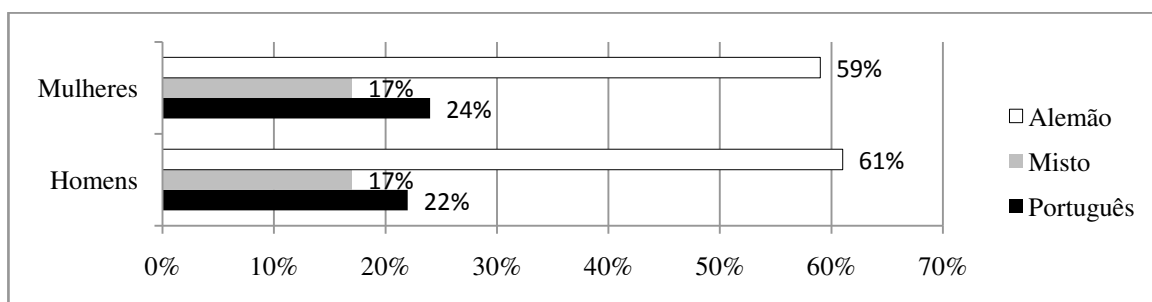


Gráfico 4: Aplicação dos termos de parentesco: homens e mulheres

Vê-se que, nessa dimensão, a diferença é mínima, em que mulheres inserem alguns termos em português a mais do que os homens. Imaginava-se que seriam os homens quem

registrariam um número maior de termos em português. Isso poderia ser explicado pelo fato de que, em épocas passadas (e ainda hoje acontece), as mulheres ficarem em casa para cuidar do lar e dos filhos e os homens saírem para trabalhar e, conseqüentemente, terem mais contatos com mais pessoas que falassem apenas português. Mas há muito tempo já não são mais essas as “funções” do homem e da mulher, sendo que a mulher, também tem seu trabalho fora de casa, podendo facilmente existir casos em que o homem é a pessoa que fica cuidando do lar.

O gráfico 5, apresenta o percentual dos dados, considerando a dimensão diatópica:

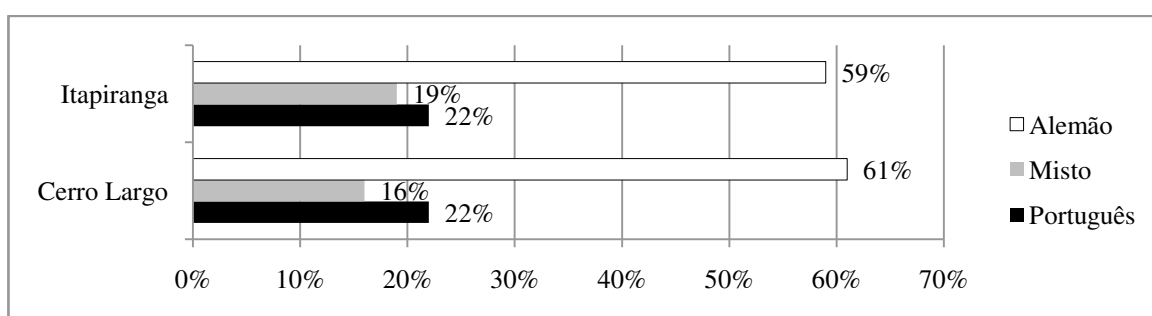


Gráfico 5: Aplicação dos termos de parentesco em Itapiranga e Cerro Largo

Observa-se que o percentual de inserção de termos em português na fala da variedade hunsriqueana se iguala nas duas localidades. O que difere uma da outra é o menor uso de termos mistos e o maior uso de termos em alemão em Cerro Largo.

4 Considerações Finais

Mudanças linguísticas são processos naturais das línguas, tanto das línguas minoritárias, quanto das majoritárias. Esse processo pode ser mais acelerado, quando duas línguas muito distintas estão em contato constante uma com a outra, como no caso estudado.

Analisando as entrevistas e vivendo em torno de uma localidade que cultivava a variedade alemã, o hunsriqueano, percebe-se que essa cultura ainda é intensamente vivenciada, mas destacando que é nas gerações mais velhas que a fala alemã predomina, mas a diferença é pequena, se comparada aos mais jovens. Nas gerações mais novas são poucos os casos em que essa língua é ensinada aos filhos. O principal motivo, segundo os informantes, é devido ao contato com as escolas e a intensa convivência com pessoas que desconhecem a língua. E no caso das pessoas que aprenderam e utilizam a variedade, o português (como os próprios informantes comentam), está, aos poucos, sendo cada vez mais inserido na fala

alemã. Esse fato foi comprovado pela presente pesquisa, em que a geração mais nova utiliza mais termos em português.

Através desse estudo, confirmou-se a hipótese, e também pesquisas do mesmo tipo já confirmaram, de que o contato constante de duas línguas tende a gerar influência uma na outra. Mesmo que, nesse caso, o português influencia mais no alemão do que o contrário. É importante destacar que, ainda que se usem termos mistos e em português, que é resultado do contato do hunsriqueano com o português, fica claro, através do uso dos termos de parentesco, que a língua alemã ainda prevalece.

Provavelmente, a manutenção da língua em questão teria ainda mais êxito, se as escolas incentivassem sua aprendizagem e seu uso, dando espaço para que as crianças se sentissem à vontade e sentissem orgulho de poder cultivar essa riqueza. A partir do momento em que se tem a consciência de que se trata de uma língua tão importante quanto qualquer outra, a mesma sempre será repassada de geração para geração.

Referências

- ALERS = ALTENHOFEN, Cléo V. & KLASSMANN, Mário (Orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011b. Autores: AGOSTINI, Basílio; ALTENHOFEN, Cléo V.; FURLAN, Oswaldo; KLASSMANN, Mário; KOCH, Walter (†); MARGOTTI, Felício Wessling; MERCER, José Luiz da Veiga; VIEIRA, Hilda Gomes (†)
- ALTENHOFEN, Cléo V.; FREY, Jaqueline; KÄFER, Maria L.; K KLASSMANN, Mário S.; N NEUMANN, Gerson R.; SPINASSÉ, Karen P.. *Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil*. Revista Contingentia, Vol. 2, 73 – 87, novembro 2007b.
- ALTENHOFEN, Cléo V. *Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil*. In: NICOLAIDES, Christine (et. Al.) *Política e políticas linguísticas*. Campinas: Pontes, ALAB, 2013. p. 93 a 116
- ALTENHOFEN, Cléo V. *O status de brasilidade das línguas de imigração em contato com o português*. In: I Fórum Internacional da Diversidade Linguística – 17 a 20 de julho, 2007. Porto Alegre: UFRGS. 2007.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; MELLO, H.; RASO, T. *Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; MARGOTTI, Felício W. *O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; OLIVEIRA, Gilvan M. *O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística do Brasil*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas: a proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 2006.
- COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982. (Cuadernos de Lingüística; 8.)
- Disponível em: <http://cerrolargo.rs.gov.br/portal/historia/>. Acessado em 28/08/2014.
- Disponível em: <http://www.itapiranga.sc.gov.br/turismo/informacoes/>. Acessado em 28/08/2014.
- GHASARIAN, Christian. *Introdução ao estudo do parentesco*. (Trad. Por Ana Santos Silva). 1ª Ed., Lisboa: Terramar. 1996
- HEYE, Jürgen. *Línguas em contato: considerações sobre bilingüismo e bilingüidade*. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara. (org.). *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 229-235.
- HORST, Aline. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no vale do taquari*. Dissertação de mestrado, UFRGS: Porto alegre, 2014.
- HORST, Cristiane. *A situação da alfabetização dos falantes de línguas de imigração no contexto brasileiro*. In: Contingentia, v. 4, n. 2, p. 73-84, nov. 2009.

- HORST, Cristiane. “Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa”. *A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil*. Westensee Verlag: Kiel, 2011.
- HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo. *Línguas em contato no sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch*. *Papia* 22(2), p. 367-383, 2012.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acessado em 16 de dezembro de 2014.
- JUNGBLUT, Roque. Porto Novo. *Um documentário Histórico*. Itapiranga: 3ª Ed. 2011.
- KRUG, Marcelo Jacó. *Os bilíngues teuto-brasileiros frente à metafonía funcional do Português no Sul do Brasil*. Westensee-Verlag: Kiel, 2011.
- MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. [ed.]. *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague : Mouton, 1972. p. 554-584.
- MELLO, Heliana. Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística de contato. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico*. IN: SILVA, Fábio Lopes da & MOURA, Heronides Maurílio de Melo (orgs.). *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000. p. 83-92
- RAMBO, Arthur Blásio. (Trad.) *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul - 1824-1924*. São Leopoldo: UNISINOS. 1999.
- RODRIGUES, A. *Tarefas da lingüística no Brasil*. In: *Estudos lingüísticos*, 1. São Paulo: 1966. p. 4-15.
- ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford : Basil Blackwell, 1995. [1989]
- THUN, Harald. *A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata*. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). *Estudos de variação lingüística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre Ed. da UFRGS, 2005. p. 63-92.
- THUN, Harald. *La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21.: 1995 : Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789, 1998.
- THUN, Harald. *O tratamento do material etnográfico no Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. In: ENCONTRO SOBRE CULTURA POPULAR (1. : 1997 : Ponta Delgada - Açores). *Actas...* Org. Gabriela Funk. Ponta Delgada : Universidade dos Açores, p. 481-499, 1999.
- THUN, Harald. *Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Erich (eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation. Vol. 1: Theories and methods*. Berlin: De Gruyter Mouton, p. 706-723, 2010b.
- THUN, Harald. *Entre alteridad y aliedad: las lenguas minoritarias en momentos de crisis internacional*. In: PFLEGER, Sabine.; STEFFEN, Joachim.; STEFFEN, Martina. (coords). *Alteridad y Aliedad – La construcción de la identidad con el otro y frente al otro*. México, p. 21 – 40, 2012.

Zusammenfassung: Der vorliegende Artikel stellt eine Studie im Kontext vom sprachlichen Kontakt Portugiesisch – Hunsrückisch in den Städte Cerro Largo in Rio Grande do Sul und Itapiranga in Santa Catarina vor. Für diese Analyse wurden die Verwandtschaftsbezeichnungen der Sanguiniker Begriffe berücksichtigt. Die Studie hat als Voraussetzung, dass die Sprachen sich gegenseitig beeinflussen hauptsächlich wenn sie im direkten Kontakt sind. Als ersten wird eine bibliografische Forschung über Zweisprachigkeit, Sprachen in Kontakt, pluridimensionale Dialektologie, so wie auch eine Kontextualisierung der Forschungsgemeinden durchgeführt und dargestellt. Für diese Arbeit wurden die vier folgenden Dimensionen der Datenanalyse berücksichtigt: Diatopik (Cerro Largo und Itapiranga), Diagenerationell (GI – zwischen 18 und 36 Jahrealt –und GII – mit 55 oder mehr Jahre alt), Diasexuell (Mann und Frau), Diastratisch (Ausbildungsniveau der Informanten: Ca (mit Hochschulbildung) und Cb (maximal mit Sekundarschule). Die analysierte Daten kommen aus dem binationalen Projekt ALMA – H (Sprachatlas der deutschen Minderheiten im La-Plata-Becken: Hunsrückisch) das Forscher aus der UFFS²² und aus der UFRGS²³ in Brasilien und aus der CAU – Kiel²⁴ in Deutschland umfasst. Ausgänglich von der Analyse der verschiedenen Dimensionen wurde festgestellt, dass die deutsche Sprache trotz bei konstanten Kontakte mit Portugiesisch überwiegt. Und man bemerkt auch, dass den geringsten Einsatz von portugiesischen Wörter in der CaGII der beiden Gemeinden zu befinden ist.

Stichwörter: Sprache im Kontakt; Zweisprachigkeit; pluridimensionale Dialektologie; Hunsrückisch – Portugiesisch; Verwandtschaftsbezeichnungen.

²²Bundesuniversität der Südgrenze

²³Bundesuniversität von Rio Grande do Sul

²⁴Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, Deutschland.